

Compreensões Acerca da Hermenêutica na Análise Textual Discursiva

Marcas Teórico-Methodológicas à Investigação

Robson Simplicio de Sousa¹

Maria do Carmo Galiazzi²

Resumo

Neste artigo apresentamos elaborações textuais acerca da influência da hermenêutica na Análise Textual Discursiva (ATD). Constitui-se em um exercício de meta-análise da obra Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007) em busca daquilo que se mostra em relação aos aspectos interpretativos desta metodologia de análise. Emerge desta busca a vinculação à hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, que se torna nosso principal interlocutor no metatexto. Mostram-se como pressupostos da ATD o reconhecimento do *outro*, os movimentos circular e espiral, que auxiliam no caminho de análise, e a abertura à ampliação de horizontes interpretativos pela busca de teorias emergentes na análise.

Palavras-chave: Hermenêutica. Análise textual discursiva. Metodologia.

UNDERSTANDINGS ABOUT THE HERMENEUTICS IN TEXTUAL DISCURSIVE ANALYSIS: Theoretical-Methodological Marks for Research

Abstract

In this article, we present textual elaborations about the influence of hermeneutics in Discursive Textual Analysis (DTA). It constitutes an exercise of meta-analysis of the book Analysis Textual Discourse (MORAES; GALIAZZI, 2007) in search of what is shown in relation to the hermeneutical aspects of this methodology of analysis. It emerges from this

¹ Doutor em Educação em Ciências pela Universidade Federal do Rio Grande – Furg. Professor-adjunto da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) no curso de Licenciatura em Química. robsonsimplicio@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Professora-titular da Universidade Federal do Rio Grande – Furg, atuando no curso de Química Licenciatura e no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde. mcaliazzi@gmail.com

search the attachment of DTA to the Hans-Georg Gadamer's philosophical hermeneutics, that becomes our main interlocutor in the metatext. It shows as hermeneutical assumptions of DTA the recognition of the other, the circular and spiral movements that help in the way of analysis and the openness to expanding interpretive horizons by seeking emerging theories in the analysis.

Keywords: Hermeneutic. Discursive Textual Analysis. Methodology.

A Análise Textual Discursiva (ATD) é uma metodologia de análise de informações que foi originalmente influenciada pelo encontro do prof. Roque Moraes (1991) com a fenomenologia de Husserl e de Merleau-Ponty com a pesquisa naturalística, com o existencialismo e com a hermenêutica existencial de Heidegger. A Pesquisa Quantitativa e a Análise de Conteúdo (AC) foram abordagens analíticas muito presentes nas pesquisas desse autor. Sobre a Análise de Conteúdo, Moraes assevera:

Mesmo tendo sido uma fase de grande produtividade aquela em que esteve orientada pelo paradigma positivista, valorizando sobretudo a objetividade e a quantificação, esta metodologia de análise de dados está atingindo novas e mais desafiadoras possibilidades na medida em que se integra cada vez mais na exploração qualitativa de mensagens e informações. Neste sentido, ainda que eventualmente não com a denominação de análise de conteúdo, se insinua em trabalhos de natureza dialética, fenomenológica e etnográfica, além de outras (1999, p. 7).

Na citação, Moraes percebe e descreve elementos distintos em relação à AC para além do paradigma que o autor entendia como *positivista* no qual foi inicialmente orientado. Alertando para outras denominações de Análise de Conteúdo, o autor expressa uma abertura desta metodologia em direção a outras possibilidades metodológicas de análise de informações. Assim, com o deslocamento de seu foco de estudo em metodologia de análise qualitativa de informações, especificamente na área da Educação, Moraes e seus orientados de Pós-Graduação, Maurivan Guntzel Ramos e Maria do Carmo Galiuzzi, elaboram a proposição da Análise Textual Discursiva (MORAES, 2003; GALIAZZI; MORAES, 2006; GALIAZZI; RAMOS, 2013), cuja obra mais conhecida e referenciada é o livro homônimo (MORAES; GALIAZZI, 2007).

Na obra de Moraes e Galiuzzi (2007) apresenta-se a ATD como uma metodologia de análise de dados e informação de natureza qualitativa para produzir novas compreensões sobre fenômenos e discursos. Os capítulos do livro estão organizados com pontos de abordagem do processo de análise como um todo, intercalados com capítulos que tratam das partes do processo. Este processo está construído com uma ideia cíclica, com três momentos auto-

-organizados: desmontagem dos textos, estabelecimento de relações e captando o novo emergente. Assim, na ATD, busca-se aprofundamento do pesquisador sobre o processo desconstrutivo de *unitarização*, que é recursivo de mergulho nos sentidos atribuídos aos textos em análise. Das unidades de significado, que se mostraram no processo de unitarização, encaminha-se para o processo de aproximação de unidades com a elaboração de categorias iniciais, que, aproximadas, possibilitam a elaboração de categorias intermediárias a partir da percepção do investigador e, em um novo esforço de escuta daquilo que ainda se aproxima, emergem no horizonte de compreensão do pesquisador categorias finais acerca do fenômeno. Descreve e aprofunda a categorização como processo de aprendizagem e comunicação de novos entendimentos em um movimento de síntese e construção de sistemas de categorias com as novas aprendizagens e compreensões (MORAES; GALIAZZI, 2007).

As atividades supradescritas apresentam como a ATD tem lidado com os materiais textuais selecionados a serem analisados pelo pesquisador. A partir disso, parte-se para o processo de escrita e da organização de metatextos, não como um expressar de conhecimentos já perfeitamente construídos, mas como um movimento constante de construção e reconstrução a partir de descrição e interpretação, possibilitando a modificação dos conhecimentos e teorias do pesquisador, de seus entendimentos e paradigmas de ciência e do próprio pesquisador e de sua realidade (2007). Busca-se a ampliação da discussão no processo analítico, atingindo uma produção textual entendida como pesquisa produtiva de novos significados a partir da interação de diferentes vozes, como modo de intervenção em discursos nos quais o pesquisador se envolve em reconstruir entendimentos sociais, incluindo-se interlocutores empíricos e teóricos (2007). Na ATD, o pesquisador precisa se assumir como *intérprete* e autor de textos do mundo.

Na introdução do livro de ATD, os autores assumem a influência hermenêutica da metodologia de análise (2007, p. 7). É sobre esta influência que nos debruçamos neste texto. Estamos interessados no exercício de elaborarmos compreensões a partir do que emerge desta perspectiva filosófica no livro de *Análise Textual Discursiva* (2007). A intenção é ampliarmos nossa compreen-

são da ATD a partir da própria metodologia de análise, o que entendemos que constitua um exercício de meta-análise. Além disso, buscamos contribuir no delineamento de aspectos filosóficos da ATD para futuras investigações, nossas e de outros pesquisadores que se interessem pela temática, entendendo esta influência na ATD como uma característica indissociável desta metodologia de análise qualitativa.

Assim, identificamos no livro de *Análise Textual Discursiva* as ocorrências da palavra “hermenêutica”, elaboramos unidades de significado (codificadas com a letra “A”, seguida da correspondente numeração, por exemplo, A1, A2, A3...), aproximando-as em categorias iniciais, seguidas de nova aproximação em categorias intermediárias, chegando, a partir de um derradeiro agrupamento, em categorias finais. O presente artigo apresenta o metatexto resultante desta análise composta por quatro categorias finais. São elas: *i) A Hermenêutica Gadameriana como Diferencial Analítico da Análise Textual Discursiva*; *ii) A Valorização dos Sujeitos na Análise Textual Discursiva*; *iii) O Movimento Interpretativo da Análise Textual Discursiva: Passos em Direção a Caminhos Teóricos Emergentes*; *iv) A Tarefa de (Re)Construir Compreensões com a Análise Textual Discursiva*.

A Hermenêutica Gadameriana como Marca Analítica da Análise Textual Discursiva

Iniciamos esta seção, cujo nome corresponde a uma das categorias finais do processo de análise com a ATD, com sua síntese descritiva. Nela temos: *O caráter hermenêutico da Análise Textual Discursiva a diferencia da Análise de Conteúdo (AC) e da Análise de Discurso (AD), caráter este que busca outras possibilidades ao modelo positivista de análise qualitativa, vinculando a ATD à perspectiva hermenêutica gadameriana*. Esta síntese descritiva foi elaborada a partir das seguintes unidades de significado:

A10. A ATD se aproxima da hermenêutica para superar o modelo de pesquisa positivista. A13. O caráter hermenêutico da ATD insere a ATD em uma perspectiva diferente das AC e AD; A17. A ATD se aproxima mais de uma perspectiva gadameriana.

A Análise Textual Discursiva é apresentada como uma metodologia de análise qualitativa que se afasta da perspectiva positivista de investigação e que busca superá-la a partir da aproximação com a hermenêutica. Isto fica mais claro com o trecho:

[...] a análise textual discursiva, ao pretender superar modelos de pesquisas positivistas, aproxima-se da *hermenêutica*. Assume pressupostos da fenomenologia, de valorização da perspectiva do outro, sempre no sentido da busca de múltiplas compreensões dos fenômenos. Essas compreensões têm seu ponto de partida na linguagem e nos sentidos que por ela podem ser instituídos, implicando a valorização dos contextos e movimentos históricos em que os sentidos se constituem. Nisso estão implicados múltiplos sujeitos autores e diversificadas vozes a serem consideradas no momento da leitura e interpretação de um texto (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 80, grifo nosso).

Os argumentos em torno do afastamento da perspectiva positivista exigem a confrontação das possibilidades das análises qualitativas predominantes à época. Por isso, os autores marcam o diferencial analítico da ATD em relação à Análise de Conteúdo (AC) e à Análise de Discurso (AD). Isto se mostra especialmente no excerto a seguir, em que o caráter hermenêutico é assumido como diferencial da ATD:

Neste sentido pretendemos adiantar alguns argumentos sobre o que caracteriza as metodologias da AC e AD, especialmente contrastando-as em suas diferenças. Neste processo pretendemos confrontar possibilidades e limites de cada uma destas modalidades de análise, procurando explorar pontos fortes e fracos, tendo em vista sua utilização na pesquisa nas ciências sociais. Ao mesmo tempo pretendemos demonstrar onde se insere a análise textual discursiva nesta confrontação, procurando identificá-la como uma nova opção de análise para pesquisas de natureza qualitativa e de caráter *hermenêutico* (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 139, grifo nosso).

O caráter hermenêutico atribuído à ATD está vinculado a uma acepção específica, como é destacado na citação a seguir, em que a ATD vem “*assumindo assim muito mais uma perspectiva Gadameriana do que habermasiana, mais hermenêutica do que dialética*” (2007, p. 147, grifo nosso).³

Questionamo-nos sobre o que significa este afastamento da ATD de uma perspectiva positivista da análise qualitativa e a necessidade dos autores em diferenciar a ATD da Análise de Conteúdo e da Análise de Discurso, o que significa vincular a ATD à Hermenêutica Filosófica atribuída a Hans-Georg Gadamer (1900-2002). Nossas pré-compreensões e a própria unidade de significado que se mostra levam à perspectiva elaborada por Gadamer, teoria que ajuda a compreender nossos questionamentos.

Gadamer (2015) apresenta como problema da hermenêutica o fenômeno da compreensão e da maneira correta de interpretar o que se entende. Anuncia de antemão que este problema não pode se restringir ao problema dos métodos das ciências do espírito. Para Gadamer (2015), este problema não se limita à metodologização das ciências do espírito, pois entender e interpretar pertencem a toda experiência no mundo. A compreensão ocorre como uma *fusão do horizonte* do texto com o *horizonte* daquele que o compreende. A compreensão é como uma conversa em que o Ser que pode ser compreendido é linguagem. Assim, Gadamer se propõe a explicar como se justificam os preconceitos no evento da compreensão (SCHMIDT, 2006, p. 140-188).

³ Na década de 60, Habermas procurava, por meio de sua “crítica das ideologias”, pôr em questão o acordo preexistente de uma comunidade, normalizando-o e sistematizando-o, para que este não fosse “distorcido” no diálogo, afastando-se, assim, da busca de compreensão hermenêutica proposta por Gadamer em *Verdade e Método* (GRONDIN, 2012). O texto de ATD explicita que a perspectiva crítica habermasiana de análise “exige um olhar externo, ou seja, uma teoria previamente escolhida, não construída a partir da própria pesquisa. Uma perspectiva crítica, de algum modo, pressupõe um referencial teórico cuja origem é externa ao fenômeno sob exame” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 145 et seq.). Assim, a teoria *a priori*, quando se aproxima da perspectiva crítica, tem uma posição normativa e reguladora dos acordos que podem ser estabelecidos na investigação. Isto constitui um distanciamento do olhar interpretativo hermenêutico. O último Habermas foi se afastando dessa perspectiva e elabora a *Teoria do Agir Comunicativo* (1981), com foco na ética do discurso como uma capacidade de a linguagem transcender a si mesma. Isto constituiria uma reaproximação a Gadamer (GRONDIN, 2012)

Esta perspectiva de compreensão de textos do mundo por meio da linguagem é outra aproximação da ATD a Gadamer. De acordo com Moraes e Galiazzi (2007), a ATD tem por intenção a compreensão e a reconstrução de conhecimentos existentes. Distancia-se de qualquer comprovação de hipóteses e, assim, de métodos e técnicas em que a hipótese e as inferências são procedimentos válidos. Estes aspectos trazem à tona a busca de superação da ATD em relação ao positivismo metodológico e sua vinculação aos aspectos metodológicos das ciências humanas e sociais.

[...] vivemos numa era em que a ciência exerce um domínio cada vez maior sobre a natureza e rege a administração da convivência humana, e esse orgulho de nossa civilização, que corrige incansavelmente as falhas de êxito e produz constantemente novas tarefas de investigação científica, onde se fundamentam novamente o progresso, o planejamento e a remoção de danos, desenvolve o poder de uma verdadeira cegueira. No enrijecimento desse caminho rumo a uma configuração progressiva do mundo pela ciência perpetua-se um sistema no qual a consciência prática do indivíduo se submete resignada e cegamente ou então se rebela revoltosa, e isso significa, não menos cega (GADAMER, 2002, p. 292).

A busca de afastamento da ATD em relação ao positivismo ocorre especialmente pelo afastamento desta metodologia de análise a esta vinculação característica das ciências naturais. Falamos de uma metodologia que está voltada à ideia de progresso e de desenvolvimento, na qual as tradições históricas precisam ser desconsideradas assim como os sujeitos que dela fazem parte, em nome da objetividade. Para Gadamer (2015), não é possível desconsiderarmos as tradições históricas, pois elas nos constituem à medida que somos no mundo. Isto porque somos com os outros nos enredamentos dialógicos, ao buscarmos acordos com outros sujeitos. Ao removermos as tradições históricas e os sujeitos de uma investigação, somos vendados pelas ideias progressivistas, desenvolvimentistas e de objetivação do fenômeno extrínseco ao investigador, limitando nosso horizonte interpretativo em uma atualidade centrada no pesquisador que não busca compreensão, mas apenas uma comprovação, uma verificação daquilo por ele já dominado em seu tempo histórico.

[...] É evidente que não se pode falar de fins bem estabelecidos na investigação das ciências do espírito como se dá nas ciências da natureza, onde a investigação penetra cada vez mais profundamente na natureza. Nas ciências do espírito o interesse do investigador que se volta para a tradição é motivado, de maneira especial, pelo respectivo presente e seus interesses. É só pela motivação do questionamento que se estabelece o tema e o objeto de investigação. Com isso, a investigação histórica se sustenta no movimento histórico em que se encontra a própria vida, e não se deixa compreender teleologicamente a partir do objeto a que se orienta a investigação. Em si, um tal objeto não existe de modo algum. É isso o que distingue as ciências do espírito das da natureza (GADAMER, 2015, p. 377-378).

No trecho anterior Gadamer exemplifica a investigação nas ciências humanas com a investigação em História, mas que pode ser ampliada à pesquisa em Educação. Assim, como delinear uma investigação qualitativa em ciências humanas sobre a perspectiva positivista, típica das ciências da natureza? Não é possível suspendermos nossas pré-compreensões, nem tratarmos de algo externo às nossas vivências com verdadeiro interesse compreensivo. Nas ciências humanas não se busca negar nossas experiências no mundo, nem tratar aquilo que se quer compreender a distância. Trata-se, pelo contrário, de partir de uma investigação em que os sujeitos que dela participam estejam tão imbricados com o fenômeno investigado que tentem ampliá-lo compreensivamente à medida que mexem com suas existências no caminho em direção à compreensão.

Na ATD podemos compreender a influência da perspectiva hermenêutica gadameriana desde a vinculação do fenômeno ao investigador que se propõe compreender, passando pelo exercício da escuta das tradições históricas que se mostram no fenômeno como centralidade para sua compreensão, até a consciência dos preconceitos que o investigador carrega à medida que amplia seus horizontes com o que se envolve em seu foco analítico.

A Valorização dos Sujeitos na Análise Textual Discursiva

Nesta seção apresentaremos a presença dos sujeitos na Análise Textual Discursiva. Como sujeitos consideramos aqueles que participam da pesquisa – pesquisador, colaboradores e teóricos –, que contribuem para a compreensão

do fenômeno. Como síntese descritiva, temos: *A Análise Textual Discursiva tem como fundamento hermenêutico a valorização dos sujeitos e seus modos de expressão a partir do exame interno dos fenômenos. Para isto, é necessário, na (re)construção teórica de significados, considerar a diversidade dos sujeitos da pesquisa que estão articulados em redes coletivas de significados sobre as quais o pesquisador é desafiado a compreender, a descrever e a interpretar. A hermenêutica ajuda a entendermos esta (re)construção, em que a interpretação é como uma “imitação” do leitor-pesquisador que busca sentidos do autor do texto ao carregar seus próprios. Isto exige autoria nas interpretações do pesquisador no estudo do fenômeno.* São unidades de significado desta categoria:

O exercício hermenêutico na ATD exige que o pesquisador se assuma autor das interpretações que constrói, tendo em mente o texto original (A2); A hermenêutica nos ajuda a entendermos a interpretação de um texto como uma “imitação” do leitor, que carrega suas próprias teorias, ao buscar os sentidos do autor do texto (A6); A perspectiva hermenêutica na ATD tende à construção e reconstrução teórica de significados atribuídos à diversidade de sujeitos envolvidos nas pesquisas (A14); Abordagens qualitativas de pesquisa como a ATD valorizam o sujeito e suas manifestações, examinando os fenômenos de “dentro”, de uma perspectiva interna, assim como na hermenêutica (A19); As metodologias de análise emergentes buscam valorizar o qualitativo e o sujeito, superando a objetividade, assumindo nomes como interpretação hermenêutica (A20); O processo da ATD tem fundamento na hermenêutica, com a valorização dos sujeitos e seus modos de expressão dos fenômenos (A24); A ATD procura centrar-se em redes coletivas de significados em que o pesquisador se desafia a compreender, descrever e interpretar, o que constituem processos hermenêuticos (A25).

Os autores apresentam a Análise Textual Discursiva como uma das abordagens qualitativas de pesquisa que valoriza o sujeito, suas manifestações e expressões a partir do que emerge do exame interno dos fenômenos (A19, A24). A ATD exige assumir a autoria nas interpretações, um pressuposto hermenêutico que o pesquisador realiza acerca dessas manifestações e expressões dos sujeitos, tendo em mente o texto original (A2).

Os textos não carregam um significado a ser apenas identificado; trazem significantes exigindo que o leitor ou pesquisador construa significados a partir de suas teorias e pontos de vista. Isso exige que o pesquisador em seu trabalho se assuma como autor das interpretações que constrói a partir dos textos que analisa. Naturalmente nesse exercício *hermenêutico* de interpretação é preciso ter sempre em mente o outro pólo, o autor do texto original (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 17, grifo nosso).

Para a realização deste esforço interpretativo, os autores apostam na interpretação como uma “imitação” do leitor que busca sentidos do autor do texto ao carregar seus próprios (A6).

Afirmar que é possível fazer leituras que vão além das leituras comuns é já apontar para o fato de que toda leitura é uma interpretação. Não há leitura objetiva de um texto, mas toda leitura se origina a partir das teorias do autor e do leitor, sejam estas teorias conscientes ou não. A partir de *hermenêutica* podemos entender a interpretação de um texto como uma “imitação” que o leitor exercita, procurando captar os sentidos que o autor tentou imprimir em seu texto. Esta “imitação” será sempre dependente das teorias do leitor (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 54, grifo nosso).

A partir da imitação realizada, o pesquisador tende à construção e à reconstrução teóricas de significados na diversidade dos sujeitos da pesquisa (A14). A (re)construção teórica de significados a que se dedica a ATD em uma perspectiva hermenêutica está inclinada às emergências teóricas e metodológicas que valorizem os sujeitos e contribuam para o distanciamento da objetividade metodológica (A20).

A tentativa de adaptar-se às novas concepções de ciência, especialmente aquelas que valorizam mais decisivamente o qualitativo, a superação da objetividade e a valorização do sujeito, faz emergir novas modalidades de análise [...]. Em alguns casos estas análises assumem outros nomes, como *análise indutiva de dados*, *análise fenomenológica*, *interpretação hermenêutica*, *análise textual discursiva* ou genericamente métodos compreensivos (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 150).

Os processos que aqui se mostram na ATD estão centrados em redes coletivas de significados em que o pesquisador é desafiado a compreender, descrever e interpretar (A25).

O processo da análise textual discursiva tem fundamentos na fenomenologia e na *hermenêutica*. Valoriza os sujeitos em seus modos de expressão dos fenômenos. Centra sua procura em redes coletivas de significados construídos subjetivamente e que o pesquisador se desafia a compreender, descrever e interpretar. São processos *hermenêuticos* (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 169).

Identificamos alguns elementos na ATD que estão imersos na hermenêutica. O primeiro é referente às interpretações realizadas pelo pesquisador em que o *outro* precisa ser considerado; o segundo à imitação como iniciação interpretativa, e o terceiro corresponde à ideia de (re)construção teórica a partir daquilo que emerge da experiência fenomenológica com os sujeitos de pesquisa.

Na perspectiva interpretativa de nosso modo de ser no mundo, é exigido que as interpretações que fazemos nunca sejam solitárias, pois exigem a *escuta do outro* que, em termos metodológicos, é central para compreender o fenômeno que nos mobiliza investigar. Negar o *outro* é negar a compreensão do fenômeno ou impor a si mesmo a parcialidade de acesso àquilo que se investiga. Isto significa já ter arquetetado objetivamente onde se quer chegar com a pesquisa, sem abertura à tortuosidade do caminhar em direção ao que está por vir. Na ATD, a abertura ao que emerge dos sujeitos e a tortuosidade do caminhar em direção à compreensão não podem ser desconsideradas, mas precisam ser reforçadas por toda a trajetória analítica, pois são esses elementos que tornam a análise singular.

Podemos interpretar a disposição aos sujeitos de pesquisa e ao caminhar investigativo como um exercício de *imitação*, como se trazido por uma das unidades de significado. O conceito de imitação (*mimesis*) tem sua origem na Antiguidade e sua disseminação na França dos séculos 17 e 18, articulada com a doutrina da arte como imitação da natureza, com um esforço de representação normativa vinculada a um exercício artístico o mais verossímil possível. Gada-

mer (2010, 2015) busca em Aristóteles o conceito de imitação, no qual imitar é um impulso natural do homem, em que há uma alegria natural na imitação. Gadamer afirma que:

[...] O significado da alegria junto ao reconhecimento pode ser observado na alegria em se fantasiar – em particular, junto às crianças [...]. O que deve ser reconhecido na imitação não é de maneira alguma a criança que se fantasiou, mas muito mais aquele que é apresentado. Esse é o grande impulso em todo o comportamento e apresentação miméticos. O reconhecimento gera e confirma que algo se torna presente por meio de um comportamento mimético, que algo está aí (2010, p. 17).

E complementa que:

A essência da imitação consiste justamente em que vejamos naquele que representa o que é representado. A representação quer ser tão verdadeira, tão convincente que não venhamos absolutamente a refletir sobre o fato de o representado não ser o “real”. O modo no qual o reconhecimento se realiza enquanto o conhecimento do verdadeiro não é o modo da diferenciação entre a representação e aquilo que é representado, mas o da não diferenciação, da identificação (p. 18).

A imitação se trata, portanto, de reconhecer o que se apresenta. Ao reconhecer, confirma-se e gera-se algo que está presente, representado, que não se diferencia do “real”, mas que é identificado. Este esforço mimético de reconhecer está no modo hermenêutico de analisar textual e discursivamente, em que:

Reside no reconhecimento o fato de se considerar o que é visto em função do que permanece, do essencial, daquilo que não é turvado pelas circunstâncias contingentes de ter-visto-um-dia e do ter-visto-mais-uma-vez. É isso que constitui o reconhecimento e é assim que ele é efetivo na alegria junto à imitação (GADAMER, 2010).

Aquilo que permanece, que é imitado, é o que é reconhecido e considerado relevante. Em termos metodológicos, como é possível desconsiderarmos as representações textuais e discursivas dos sujeitos envolvidos com o fenômeno que se investiga? As textualizações que emergem são aquelas que representam

o fenômeno, que dizem sobre o fenômeno e que reivindicam reconhecimento. São os horizontes interpretativos do pesquisador que limitam ou ampliam o reconhecimento daquilo que permanece, do que é identificado como essencial à compreensão do fenômeno que é sempre limitada por quem interpreta.

O pesquisador é uma das vozes interpretativas nas redes coletivas de diálogo acerca do fenômeno. Seu papel é o que Gadamer (2015) exemplifica na atuação do intérprete de uma língua estrangeira. O pesquisador precisa traduzir para si e para outros o que o texto diz. Nesta tradução ele coloca um pouco de si, suas vivências, seu contexto interpretativo. Ao traduzir, o texto não é mais somente do pesquisador ou dos demais sujeitos que participaram da investigação, nem mesmo dos teóricos trazidos para a análise, mas é um texto de todos trazidos no diálogo. Assim, na Análise Textual Discursiva a tradução realizada pelo pesquisador é o meio pelo qual o fenômeno se mostra, não na individualidade do pesquisador, mas na tradução das vozes que dizem sobre o fenômeno interpretado e que são reconhecidas por quem interpreta.

O Movimento Interpretativo na Análise Textual Discursiva: Passos em Direção a Caminhos Teóricos Emergentes

Nesta seção/categoria apresentamos aspectos relacionados aos passos metodológicos característicos da Análise Textual Discursiva e como eles nos direcionam a caminhos teóricos emergentes. Partimos, então, da síntese descritiva desta categoria. *Na Análise Textual Discursiva a hermenêutica constitui-se como movimentos interpretativos múltiplos – em espiral e em círculos – para a compreensão profunda e recursiva dos fenômenos sobre os quais se procura construir novos sentidos. A unitarização é parte do esforço hermenêutico de interpretação de textos, em que unitarizar e desconstruir são exercícios que terão sentido quando categorizados. A categorização possui pressupostos hermenêuticos quando as categorias são descritas e interpretadas, possibilitando maior clareza teórica. A ATD tem uma perspectiva de transformação, movimento de*

construção de compreensões dos fenômenos, que se aproxima de um viés de análise qualitativa com busca das teorias emergentes, com movimentos teóricos a partir das manifestações das pesquisas.

Iniciamos com a ideia de *movimento interpretativo na Análise Textual Discursiva* em que identificamos as seguintes unidades de significado:

A hermenêutica na ATD possui caráter de um movimento interpretativo. (A1); Os movimentos hermenêuticos em espiral da ATD buscam uma compreensão aprofundada dos fenômenos, em um processo recursivo, cada vez mais profundo em que a compreensão só é produzida a partir de múltiplos desses movimentos (A3); O movimento cíclico da hermenêutica é a procura por mais sentidos no qual a teoria auxilia no exercício de interpretação, levando à construção de novas ideias (A4); Na ATD realiza-se uma análise temática com foco nos sentidos atribuídos, aproximando-se da hermenêutica (A8).

Ainda em termos descritivos, mostra-se a ideia dos *passos da Análise Textual Discursiva*, nos quais à unitarização e à categorização são atribuídas características hermenêuticas, como é apresentado nas seguintes unidades de significado:

Unitarizar e desconstruir textos são exercícios hermenêuticos da ATD que terão sentido quando categorizados ou classificados (A5); A unitarização faz parte de um esforço hermenêutico de interpretação de textos (A7); A categorização possui pressupostos hermenêuticos e linguísticos (A11); O processo de categorização é hermenêutico quando são expressas categorias, descrições e interpretações que possibilitam maior clareza teórica quando se aproxima do fechamento (A12).

A terceira ideia ou categoria intermediária que alcançamos perceber intitulamos de *emergência teórica na Análise Textual Discursiva*. Apresentam-se como unidades de significado que compõem esta ideia:

O caráter hermenêutico da ATD se aproxima de uma perspectiva transformadora, entendendo esta como os próprios movimentos de construção de novas compreensões dos fenômenos e discursos com os quais se envolve, sem a exigência de teorias externas a priori para orientar suas ações de trans-

formação (A21); Nas pesquisas em educação, concebem-se dois modos de trabalhar com a teoria: teorias “a priori” e teorias emergentes. No primeiro, o pesquisador traz explícito o olhar teórico desde o início. No segundo, o pesquisador constrói a teoria a partir da pesquisa, sendo esta típica dos estudos em hermenêutica (A22); A ATD, a partir de seu viés hermenêutico, aproxima-se das teorias emergentes, com movimentos de teorização que se originam das manifestações dos sujeitos das pesquisas (A23).

A ideia de movimentos – em espiral ou cíclicos – na Análise Textual Discursiva nos remete a considerações filosóficas e metodológicas atribuídas a eles. Iniciemos pelo movimento cíclico e circular em que o *círculo hermenêutico* é bastante conhecido.

Em termos históricos, a noção de círculo é recente. Grondin (2016) atribui ao filologista A. Boeckh (1785-1867) a primeira menção do “círculo hermenêutico”. Boeckh fazia a alusão em suas aulas a dois tipos diferentes de interpretação (*Auslegungarten*): a gramática e a histórica, argumentando que o “*hermeneutische Cirkel*” entre elas não pode ser inteiramente evitado. As raízes da noção de círculo hermenêutico, contudo, remetem à Antiguidade e à retórica antiga, como um interjogo do todo e suas partes, como uma necessidade para a *composição* e escrita dos textos, que, mais tarde, se tornaram um elemento para a compreensão deles propriamente.

Para Grondin (2016), o círculo hermenêutico é considerado uma das doutrinas mais fundamentais da teoria hermenêutica. Contemporaneamente, é a ideia de que sempre compreendemos ou interpretamos um texto a partir de algumas pressuposições. De maneira clássica, é a ideia de que apenas podemos compreender as partes fora da ideia geral do todo e somente podemos alcançar esse todo ao compreender suas partes. Assim, em ambas as perspectivas, não há compreensão sem pressuposições. Estas, que Heidegger chama de “estrutura antecipatória”, Gadamer chama de “prejuízos” ou “preconceitos” e são determinadas pela cultura, história, linguagem e educação.

Pensadores hermenêuticos como Heidegger, Bultmann, Ricœur e Gadamer veem o círculo hermenêutico mais a partir do que ele constitui como elemento inescapável de compreensão: como seres finitos e históricos, nós compreendemos porque somos guiados por antecipações, expectativas e questões (GRONDIN, 2016, p. 299, tradução nossa).

E segue:

Em todas essas instâncias, vale a pena notar que o “círculo” das partes e o todo é visto como uma exigência da *coerência*. O interjogo do todo e as partes não é realmente um “círculo”, mas uma descrição necessária da unidade proposta de qualquer escrito e, portanto, de sua compreensão (GRONDIN, 2016, p. 300, tradução nossa).

Gadamer baseia sua teoria de experiência hermenêutica sobre a noção de que o círculo tem uma significância *positiva* e *ontológica*. O círculo é visto como positivo, pois não é entendido como um círculo vicioso que deveria ser evitado. Ele é ontológico, pois está enraizado em nossa existência como seres de questões e expectativas que não podem ser entendidas fora de algumas antecipações legadas a nós pela História e tradição (GRONDIN, 2016). Gadamer vê nesta estrutura antecipatória um reconhecimento de que “prejuízos” estão sempre no trabalho de compreender e que não há compreensão sem prejuízos.

A repercussão destas compreensões de círculo hermenêutico ao movimento cíclico ou circular na Análise Textual Discursiva nos leva a seus passos de análise que não são fixos, mas possibilidades de caminhar em busca de compreensão. A ATD inicia imersa na ideia de interjogo entre as partes e o todo, não no sentido de que este todo é alcançado pela soma matemática das partes, mas se vincula à ideia de que para compreender o todo é preciso reconhecer e interpretar as partes como primeiro movimento. Aqui se reforça a unitarização como processo hermenêutico, em que as unidades de significado são trechos desse caminhar interpretativo.

Quando o pesquisador se encontra no processo de unitarização, este não se constitui o início de sua análise, pois ela já se encontra delineada em termos de intencionalidades e pré-compreensões daquilo que se busca compreender em

uma “totalidade”. Assim, ao ingressar na tarefa de unitarização, o pesquisador, carregado de pressupostos acerca de sua elaboração investigativa, precisa ter a noção do “todo” que ela representa, mesmo consciente de que ao longo da análise possa ser surpreendido por dimensões interpretativas que não esperava. Esta surpresa em relação às possibilidades que não estavam previstas constituem as aprendizagens do pesquisador disposto a modificar sua trajetória para encontrar outras possibilidades compreensivas. Assim, não é possível chegar à unitarização, às partes, sem estar imerso no todo que ela representa, e também não é possível desvincular-se das pressuposições da análise que o pesquisador se dispõe a realizar. A unitarização e a categorização não são processos lineares e sequenciais a serem cumpridos, mas passos que possibilitam a ampliação do fenômeno investigativo à medida que vão constituindo o metatexto, a expressão linguística compreensiva do fenômeno que se investiga.

Na ATD o sentido dado à palavra emergência é aquele da compreensão que surge durante o processo de análise que o pesquisador, como sujeito histórico, percebe, o que o leva a uma teoria antes não reconhecida, mas parte de suas pré-compreensões. Este movimento de emergência de compreensão se aproxima da ideia de *círculo hermenêutico*, que Weiss interpreta como *espiral hermenêutica*, que:

De leituras reiteradas do texto se transformam as antecipações e as interpretações. Aprofunda-se a compreensão ao relacionar determinadas partes ou significados do texto (palavras, conceitos, metáforas, motivos) com outros textos e vislumbrar o diálogo explícito e implícito que se estabelece entre estes textos. Também se aprofunda na medida em que surgem possibilidades diversas de relacionar determinadas partes (e/ou significados) do texto com outras partes do mesmo. Usualmente surgem primeiras análises parciais relacionadas com elementos ou temas do texto, assim como intuições isoladas sobre as relações de significados latentes. As interpretações parciais sucessivas se submetem à prova da releitura, e dela e da reflexão sobre as relações entre análises e interpretações parciais só pode surgir uma configuração de sentido, que se pode considerar como uma nova interpretação interessante (WEISS, 2005, p. 6, tradução nossa).

Diante disso, temos as noções de círculo hermenêutico e de espiral hermenêutica como movimentos de busca de compreensão que são recursivos, mas que não são “viciados”. Neles, não é possível voltar para o ponto em que começou sem que o investigador carregue consigo suas pré-compreensões que são ampliadas e modificadas à medida que caminha na análise. É o deslocamento de horizonte, diz Gadamer (2015), cuja paisagem é outra quando seguimos rumo ao que vemos no horizonte. Quando achamos que o alcançamos, percebemos que há outro horizonte formado e que nos desafia a caminhar. Os passos propostos na Análise Textual Discursiva são sinalizações que indicam o caminho em direção à compreensão.

Assim, no processo de análise com ATD para o estabelecimento de categorias, a descrição é um movimento na linguagem para que o próprio sujeito se dê conta do modo como o fenômeno se mostra, para que perceba suas pré-compreensões e preconceitos, o que pode levar à ampliação ou mesmo à outra orientação deles. A ATD exige teoria; não obstante, a teoria que ela demanda (*a priori* ou emergente) precisa se mostrar em movimento epistêmico do próprio pesquisador. Fundamental é ir além do sabido. Por isso, a teoria que reivindica a Análise Textual Discursiva em seu caráter hermenêutico é do tipo teoria emergente. É possível entender as teorias *a priori* como expressões dos pressupostos do pesquisador, daquilo que já se sabe. Quando estamos tratando de uma abertura interpretativa, entretanto, é preciso estarmos continuamente perseguindo as emergências teóricas que se mostram à medida que estamos imersos na investigação, pois aí teremos um movimento de ampliação de compreensões daquele que investiga e que modifica sua existência na linguagem acerca do fenômeno ontológico que se dedica compreender.

A Tarefa de (Re)Construir Compreensões com a Análise Textual Discursiva

Na última seção como categoria que compõe o metatexto, alcançamos a seguinte síntese descritiva: *Na Análise Textual Discursiva as interpretações de textos aproximam-se da hermenêutica, em que os sentidos de fenômenos*

sociais e culturais têm a pretensão de serem reconstruídos em compreensão, produzindo sentidos mais distantes, complexos e aprofundados. Esta síntese emerge das seguintes unidades de significado:

No encaminhamento temático as interpretações dos textos se aproximam da hermenêutica, distanciando de sentidos objetivos, mas que são permanentemente reconstruídos (A9); A ATD tem a pretensão hermenêutica de construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas aos fenômenos (A16); A ATD, que está fundamentada na hermenêutica, assume o desafio de produzir sentidos mais distantes, complexos e aprofundados (A18); A hermenêutica é compreensiva e interpretativa (A15).

A aproximação da Análise Textual Discursiva à hermenêutica é em virtude de esta ter como centralidade a busca de compreensão. Esta busca de compreensão dos fenômenos sociais, culturais e educativos com a ATD e sua vinculação hermenêutica pressupõe a imprevisibilidade daquilo que se mostra sobre o fenômeno que se investiga. Por isso, os autores da ATD afirmam em relação à metodologia que:

Sua pretensão é num sentido radicalmente *hermenêutico*, de construção e reconstrução de compreensões sociais e culturais relativas aos fenômenos que investiga. Mesmo que também possa ser crítica, seu olhar interpretativo tende a produzir-se a partir de dentro do fenômeno, assumindo assim muito mais uma perspectiva gadameriana do que habermasiana, mais *hermenêutica* do que dialética (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 147).

Como já dissemos, aquilo que não está previsto na investigação é o que está além do sabido no deslocar do *horizonte* compreensivo, o que os autores da metodologia de análise chamaram de *reconstrução*.

Horizonte é uma palavra antiga na língua escrita portuguesa. Surgiu no século 15 e tem significados variados. É como uma linha circular em que a terra e o mar parecem unir-se ao céu e que limita o campo visual de uma pessoa, o campo de visibilidade, o pano de fundo que aparece em um quadro. Também pode significar a dimensão do futuro de alguém ou a perspectiva como representação dos limites do campo do pensamento, da consciência ou de uma atividade

(HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2009). Na Filosofia, este termo surgiu com Anaximandro (século 6º a. C.) que considerou como princípio aquilo que abarca todas as coisas e as dirige. Kant (1724-1804) entendeu horizonte como o limite e distinguiu horizonte lógico, estético e prático. Husserl (1859-1938) entendeu horizonte como limite temporal em que estão todas as vivências. Jaspers (1883-1969) desenvolveu a ideia de um horizonte circunscrito, mas que sempre pode ser alargado. Qualquer corrente filosófica pode empregar “horizonte” para designar os limites de validade de determinada investigação ou o tipo de validade a que aspiram os instrumentos utilizados (ABBAGNANO, 2007).

Ao se colocar a palavra horizonte para compreender, assume-se que compreender é um evento efetuado historicamente e que as palavras são pano de fundo e a base a partir da qual se compreende (SCHMIDT, 2006). O termo horizonte é o conjunto herdado de preconceitos. Aquilo além do que não é possível ver, mas que pode mudar, expandir-se, reduzir-se. É neste sentido que os autores da ATD tratam a ideia de reconstrução, quando afirmam que:

A análise textual discursiva, com sua perspectiva fundamentada na *hermenêutica*, inicia seus esforços de construção de compreensão a partir dos sentidos mais imediatos e simples dos fenômenos que pesquisa. Entretanto, assume um desafio permanente de produzir sentidos mais distantes, complexos e aprofundados. Nisso não entende propriamente estar procurando sentidos ocultos, mas pretende estar se envolvendo em movimentos de constante reconstrução dos significados e dos discursos que investiga (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 149).

Interpretamos que a *reconstrução* que se mostra no texto de ATD é, na verdade, uma ampliação de horizonte interpretativo, em que o pesquisador no processo de análise das informações textuais e discursivas visualiza o horizonte com uma expectativa. À medida que se desloca em sua direção, o pesquisador se dá conta de que o processo que trilha rumo a sua expectativa de horizonte possui vivências, sujeitos e experiências que provocam modificações no seu modo de ser. É a *fusão de horizontes* que Gadamer (2015) nos traz à consciên-

cia. Um horizonte nunca é fechado e estático. Ao ler um texto, o leitor projeta o horizonte desse texto dentro de seu próprio horizonte e *a compreensão é esta fusão de horizontes que supostamente existem por si mesmos* (SCHMIDT, 2006).

A partir da compreensão do que se mostra na Análise Textual Discursiva, temos a vinculação desta metodologia de análise à hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer como um afastamento da perspectiva metodológica positivista. Esta vinculação desemboca no exercício de reconhecimento dos sujeitos imbricados à investigação do fenômeno, que, assim como o pesquisador, não são alheios ao que se busca compreender, mas estão envolvidos pelo caráter ontológico daquilo que se investiga. O movimento de investigação que se mostra é traçado por círculos e espirais que o pesquisador não consegue negar à medida que caminha rumo a horizontes compreensivos inesperados, nos quais as teorias emergentes são os suportes para ampliação de suas pré-compreensões.

Considerações Finais

Neste estudo compreendeu-se mais acerca do uso da metodologia de Análise Textual Discursiva, debruçando-nos sobre os aspectos filosóficos que a compõem. O que emerge desta meta-análise é a vinculação da ATD à Hermenêutica Filosófica, que aposta na *escuta* atenta das informações textuais e discursivas como exercício de reconhecimento do *outro*. Acerca dos passos de unitarização, categorização e metatexto, aproxima-se a noção de *círculo* ou *espiral* hermenêutico em que não é possível ingressarmos em um movimento interpretativo negando nossas pré-compreensões, pois elas constituem uma reivindicação à coerência da análise. Por fim, a tarefa hermenêutica na ATD é ir além do que já se sabe sobre o fenômeno, aprender sobre ele, ampliando o horizonte interpretativo por meio das emergências teóricas, ou seja, na disposição de novas elaborações dialógicas.

Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GADAMER, H. G. *Hermenêutica da obra de arte*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

_____. *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

_____. *Verdade e método II: complementos e índices*. Trad. Enio Paulo Gichini. Petrópolis: Vozes, 2002.

GALIAZZI, M. C.; MORAES, R. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. *Ciência & Educação*, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

GALIAZZI, M. C.; RAMOS, M. G. Aprendentes do aprender: um exercício de análise textual discursiva. *Indagatio Didactica*, v. 5, n. 2, 2013.

GRONDIN, J. *Hermenêutica*. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____. *The Hermeneutical Circle*. In: KEANE, Niall; LAWN, Chris. *The Blackwell Companion to Hermeneutics*. John Wiley & Sons, 2016.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S.; FRANCO, F. M. M. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

MORAES, R. *A educação de professores de ciências: uma investigação da trajetória de profissionalização de bons professores*. 1991. 398f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1991.

MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: <http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html>. Acesso em: set. 2016.

_____. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. *Análise textual discursiva*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

SCHMIDT, L. K. *Hermenêutica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

WEISS, E. Hermenêutica Crítica, una reflexión metodológica, sociológica y epistemológica. *Paideia Revista de la UPN*, v. 1, n. 1, 2005.

Recebido em: 23/10/2016

Aceito em: 30/11/2016